

assistência

CARDIO-ONCOLOGIA VEM GANHANDO DESTAQUE NO TRATAMENTO DE LONGO PRAZO DE PACIENTES COM CÂNCER

Com todo o coração

Os avanços no tratamento de câncer, graças à descoberta de drogas mais eficazes e desenvolvimento de novos esquemas terapêuticos, acarretaram importante ganho na sobrevivência e qualidade de vida dos pacientes. No entanto, para os oncologistas, conseguir evitar a progressão de um tumor, mas ver o paciente ser acometido por um infarto, insuficiência cardíaca, derrame, trombose ou qualquer outra complicação cardiovascular devido às doses de quimioterapia ou radiação recebidas passou a ser frustrante.

De acordo com os especialistas, pessoas que passaram ou ainda passam por tratamento oncológico precisam ser compreendidas como portadores de uma doença de evolução crônica, já que se tornam suscetíveis a várias complicações clínicas no longo prazo. Por isso, uma nova área da medicina está sendo cada vez mais necessária: a cardio-oncologia.

Ainda não formalizada como residência médica, essa subespecialidade vem atraindo cada vez mais médicos. Em 2019, o INCA começou a oferecer capacitação para cardiologistas, por meio de parceria com o Instituto Nacional de Cardiologia (INC), sob a coordenação da cardiologista Tatiana Abelin. Por enquanto, dois especialistas do INC tiveram aulas teóricas e práticas na emergência e nos ambulatórios do INCA. O programa precisou ser interrompido no ano passado devido à pandemia de Covid-19, mas será retomado neste quarto trimestre de 2021.

O INCA já tem um ambulatório de cardio-oncologia, mas, com a parceria, o INC, na zona sul do Rio de Janeiro, também passou a ter um ambulatório da subespecialidade para onde pacientes oncológicos podem ser encaminhados.

“Algumas estratégias quimioterápicas podem provocar manifestação de cardiotoxicidade em alguns meses ou até após o término do tratamento”

TATIANA ABELIN, cardiologista

Os pacientes oncológicos com complicações cardiovasculares se dividem em dois grupos: os que já apresentavam comorbidades como hipertensão e só a descobriram quando foi detectada alguma neoplasia e aqueles que foram acometidos pela cardiotoxicidade dos fármacos usados na quimioterapia ou pela radiação. A radioterapia também pode afetar o coração quando aplicada na região torácica. A maior exposição é nos casos de câncer de pulmão, de mama ou linfomas.

SEM RELAÇÃO COM A IDADE

O tratamento oncológico pode comprometer a saúde do coração, independentemente da idade do paciente. Adolescentes que passaram por tratamento oncológico podem desenvolver doenças cardíacas no futuro. Zelar pela qualidade de vida desses pacientes ao longo dos anos, mesmo após o término do tratamento oncológico, passa a ser ainda mais necessário.

Tatiana Abelin alerta que adolescentes que têm ou tiveram leucemia precisam de atenção especial. Além da possibilidade de ocorrerem danos ao coração durante o tratamento, é possível que os pacientes desenvolvam problemas cardíacos na vida adulta e, por isso, precisam de acompanhamento. “Algumas estratégias quimioterápicas podem provocar a manifestação de cardiotoxicidade alguns meses, um ano ou até mais após o término do tratamento. Quando falamos de radioterapia, isso pode levar até 10, 15 anos para ter alguma manifestação”, exemplifica a médica do INCA.

“Anteriormente, esses pacientes eram encaminhados para a rede básica de saúde, onde não existe essa especialidade. Atualmente, os que desenvolvem algum problema cardíaco após o

tratamento oncológico continuam sendo assistidos no INCA e, muitas vezes, conforme necessidade, são encaminhados ao serviço de cardio-oncologia do INC”, explica Tatiana Abelin.

INTERESSE PELA SUBESPECIALIDADE

Um dos médicos capacitados em cardio-oncologia na parceria INCA-INC, Thiago Coutinho tem cada vez mais aprofundado os estudos na área. Ele integra a equipe de cardiologistas do Caxias D’Or, na Baixada Fluminense do Rio, onde também acompanha pacientes oncológicos.

“Tenho bastante interesse pela área, mas como ainda não há especialização, participo de discussões e simpósios sobre o tema. A necessidade de acompanhamento [do paciente de câncer] por um cardio-oncologista é cada vez maior. É uma tendência mundial. O objetivo é melhorar o atendimento ao paciente e, assim, proporcionar melhora na qualidade de vida”, acrescenta Coutinho, que cursa mestrado em ciências cardiovasculares no INC.

Quem também passou por capacitação no INCA foi Antônio Fatorelli, que tem especialização em insuficiência cardíaca e atua na área de transplantes do INC. “No ambulatório do INCA, pude ver pacientes que, por causa do tratamento, desenvolveram disfunção cardíaca. A atuação dessa subespecialidade tem sido cada vez mais necessária. Tem cardiologista que não conhece a oncologia e vice-versa. Ter conhecimento nas duas especialidades completa o atendimento aos pacientes”, avalia Fatorelli.

As arritmias cardíacas em pacientes com câncer podem ser causadas por alguma doença cardíaca já existente que é detectada ou agravada após o início do tratamento oncológico. Tatiana Abelin cita como exemplo os casos de câncer de mama, no qual boa parte dos medicamentos prescritos tem capacidade maior de provocar cardiotoxicidade. Além disso, ao acrescentar a radioterapia na região torácica, os riscos de problemas cardíacos aumentam ainda mais.

“É observado se há alteração no coração. Em caso positivo, esse paciente precisa de acompanhamento com drogas que protegem o órgão. Além disso, dietas, atividade física e perda de peso são importantes. É necessário o controle de todos os fatores de risco que podem afetar o coração, como

glicemia elevada”, alerta a cardiologista. Segundo Tatiana Abelin, em alguns casos pode ser necessário interromper o tratamento oncológico. No entanto, na maior parte deles, o paciente pode retomar a terapia anti-câncer após se recuperar. Por vezes, há necessidade até da colocação de um marca-passo. Todo esse tratamento pode ser realizado por meio da parceria no atendimento”, detalha a médica.

QUIMIOTERÁPICOS E CARDIOTOXICIDADE

Diagnosticada com linfoma de Hodgkin em 2018, a cabeleireira Tatiane de Araújo Carvalho, 37 anos, desenvolveu disfunção miocárdica, que levava à taquiarritmia esporádica, devido aos medicamentos da quimioterapia. Um ano depois, Tatiane foi submetida a um transplante de medula óssea que curou o linfoma. O problema cardíaco, uma arritmia de difícil resolução, no entanto, persistiu. Na época, foi encaminhada para atendimento na rede básica de saúde.

“Não consegui ser atendida na UPA [Unidade de Pronto Atendimento]. Fui orientada a fazer uma inscrição, mas nunca fui chamada. Voltei para o INCA. Lá, a equipe médica passou a acompanhar o meu caso no ambulatório de cardiologia. Cheguei a fazer uma cirurgia no coração, no INC, em agosto do ano passado. Até hoje não fui procurada pela rede básica de saúde. Fui salva pela equipe do INCA”, relata a cabeleireira, que ainda precisa de monitoramento.

“Tem cardiologista que não conhece a oncologia e vice-versa. Ter conhecimento nas duas especialidades completa o atendimento aos pacientes”

ANTÔNIO FATORELLI, cardiologista

Entre os principais quimioterápicos com efeitos nocivos cardiovasculares estão os antraciclínicos (muito utilizados em neoplasias de mama, linfomas e osteosarcomas). Eles têm potencial de toxicidade diretamente nas células do miocárdio, o que pode levar a um quadro de insuficiência cardíaca.

Há também os inibidores de HER-2 (representados pelo trastuzumabe, muito utilizado em neoplasias de mama, e que também podem causar insuficiência cardíaca). Já os inibidores de tirosina-quinase (dasantínibe, nilotinibe e imatinibe, muito utilizados no tratamento de leucemia mieloide crônica) podem provocar hipertensão arterial sistêmica, hipertensão pulmonar e derrames na região próxima ao coração.

Outros exemplos são a ciclofosfamida (muito utilizada em linfomas e em pré-tratamento de transplante de medula óssea, que pode causar insuficiência cardíaca); o ibrutinibe (causa arritmias) e o bevacizumabe (causa hipertensão resistente). ■

PÓS-GRADUAÇÃO FOI LANÇADA ESTE ANO

O interesse médico cada vez maior pela formação na área fez surgir a pós-graduação em cardio-oncologia, lançada em março deste ano pela Sociedade Brasileira de Cardiologia. O curso tem parceria com o INCA e com o INC.

Oferecido na modalidade de Ensino a Distância devido à pandemia de Covid-19, o curso tem uma parte inicial instrumental, outra de formação e uma de integração para aplicação do conhecimento adquirido.

Entre os temas abordados estão os princípios da oncologia; quimioterapia, radioterapia, imunoterapia e cirurgia oncológica; diagnóstico e monitoramento das lesões cardiovasculares secundárias ao tratamento do câncer; prevenção, diagnóstico e monitoramento das situações clínicas cardiovasculares nos pacientes com câncer e dos tumores cardiovasculares, além do tratamento das lesões secundárias ao câncer.